



VIVA FAVELA: MÁQUINAS SOCIAIS PRODUTORAS DE SENTIDO

Carlos Magno Camargos Mendonça

Professor Mestre do Departamento de Comunicação Social da UFMG

Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade da UFMG

Bolsistas desta pesquisa: Patrícia Mourão Andrade

Durante o biênio 2001/2002, buscamos perceber nas narrativas da favela, recolhidas no portal Viva Favela, qual movimento era operado no sentido da produção de uma identidade própria, constituída *a partir* da comunidade, em detrimento do conhecimento ofertado pelos meios de comunicação de massa convencionais que irrigam a formação de um imaginário exterior *sobre* a favela. Tal mudança no olhar foi propiciada, neste caso, pela rede *internet*. Tratava-se ali de buscarmos o cotidiano daquelas comunidades enunciado pelos seus sujeitos com os mais diversos atos de fala.

Para tanto, foi preciso estabelecer o limite das fronteiras entre o narrado e o vivido, entre o acontecimento e a enunciação, para evitar que quando fôssemos proceder à análise dos textos no portal, nos afastássemos do grave erro de confundir a narrativa da comunidade com a comunidade em si. Um risco considerável, caso não tomássemos este cuidado, seria o de desenhar um mapa fechado e completo das relações de identidade e alteridade existentes nas comunidades em questão. Este comportamento afastaria a possibilidade de percebermos qualquer traço de singularidade dos envolvidos nas narrativas e reproduzirmos, às avessas, o modo de ver dos veículos tradicionais quando dizem das favelas.

Era preciso resguardar os componentes da realidade polifônica das favelas, considerando que tratávamos de narrativas do cotidiano e não do cotidiano. No Viva Favela, buscamos a favela naquilo que ela tem de virtualidade, de potência, sem querer alcançar apenas suas especificidades territoriais – sejam existenciais ou geográficas. Era preciso tecer a malha que combinava a história do lugar, os novos fluxos que a atravessam, as contaminações por outras narrativas, dentre outros, para que evitássemos o erro metodológico de pensá-la



somente em sua materialidade aparente na interface do portal, como se a favela começasse e terminasse ali, onde ela se narra e se deixa narrar.

Os expedientes anteriormente apresentados só têm valia frente ao reconhecimento da amplitude social que as narrativas guardam em si. As falas da favela sobre si própria são um exercício que oferece para o leitor a oportunidade de desvencilhar-se de quaisquer idéias pré-concebidas pelo “asfalto” a seu respeito. Esta lente estende o foco da visão para além dos limites territoriais destas comunidades e busca nas fronteiras das representações os significados abertos. O procedimento de escutar a favela traz para a cena toda a potência de sociabilidade que emerge das entrelinhas das narrativas existentes no portal, evitando assim, o empobrecimento tão recorrente de formulações fechadas.

Em toda a pesquisa as dúvidas foram mais significativas que as certezas e transformaram-se na força motora que estimulava o aparecimento de novas questões *para e a partir* da empiria. Sob as narrativas do portal percebemos uma potência vital que extrapola a forma fechada e estática, “pronta para o uso” das definições que se aplicam sobre aquelas comunidades. Mais que pequenas histórias de acontecimentos banais ou não do cotidiano, notamos a emergência de sentimentos compartilhados, de uma ânsia de “estar junto” que conformam um imaginário de comunidade. Na fala lacunar e vital dos morros encontraremos um tipo de sociabilidade inapreensível em sua totalidade, ato de devir que se torce e retorce sobre o cotidiano. Jóias raras que não se mostram a olho nu, estas narrativas são tão simples que comportam as imprecisões complexas do território existencial de onde partem, carregam-na consigo por onde for.

Narrativas: o ponto e o nó das tramas cotidianas

Ao pensarmos um significante para narrativas operamos, quase que diretamente, com a seguinte imagem: algo que parte de um ponto "a" e que chega a um ponto "b" percorrendo um caminho de início, meio e fim. Porém devemos nos ater aos aspectos não lineares que atravessam as narrativas. As fabulações, as lendas, os mitos, as conversas informais, as palavras impressas nos mais diferentes meios amontoam-se sobre a mesa da identidade de uma tribo, de uma comunidade ou de uma sociedade. Este amontoado narrativo nos permite conhecer a história de um povo, suas tradições religiosas, culturais, políticas, enfim, um



conjunto de traços, lembranças e experiências que configuram a identidade coletiva daquele povo.

As narrativas das sociedades de tradição oral, as modificações ocorridas na passagem da oralidade para a escrita, as representações gráficas da arte primitiva, os cânticos e poemas gregos, as inscrições das pirâmides, a interatividade entre meios audiovisuais diferenciados – característica da era do eletrônico e do digital, encenaram-se no palco do cotidiano. O teatro do cotidiano possui planos que reúnem territórios existências, instituições, escalas de valores, linhas de sentidos que se modificam o tempo todo. Tal como expresso no documento inicial do projeto de pesquisa *Narrativas do cotidiano: na mídia, na rua*, do Gris:

O cotidiano é o lugar onde se vive tudo isso, onde esses elementos brotam e ganham forma - formas concretas, que são as ações, intervenções de toda ordem, permeadas por sua vez por outras formas, não menos concretas, que são os sentidos partilhados, a intersubjetividade vivida e materializada através de diferentes manifestações simbólicas (palavras, imagens, expressões construídas e trocadas pelos sujeitos sociais). O cotidiano, com tudo que o atravessa, é vivido e ordenado através das produções discursivas – que tanto exprimem as diferenças e identidades, a construção dos consensos e a explicitação dos conflitos, os pertencimentos locais e a absorção do global quanto, nessa objetivação, fornecem aos indivíduos as imagens, motivos, representações com os quais eles se situam e constroem a sua realidade. As narrativas, as diferentes falas que permeiam o viver social, assim, tanto exprimem quanto irrigam o cotidiano; na sua materialidade, expõem os fios, os nós, as costuras da tessitura social num determinado momento.

As narrativas cotidianas configuram-se como um rico objeto de análise para a compreensão dos processos de produção de identidades. A complexidade do cotidiano requer de nós um olhar aguçado, só alcançado quando nos servimos de instrumentos de análises suportados sobre diferenciadas noções e conceitos. Pablo Vila afirma que nas últimas décadas foram promovidos intercâmbios entre as ciências no sentido de compreender o intrincado esquema estabelecido entre as narrativas e as identidades.

Para expresarlo en muy pocas palabras podríamos decir que esta nueva manera de estudiar las identidades sociales sostiene, parafraseando a Fredric Jameson (1981), que la narrativa es una categoría epistemológica que fue tradicionalmente confundida con una forma literaria. Y no sólo esto sino que, de acuerdo con Ricoeur (1984), la narrativa es uno de los esquemas cognoscitivos más importantes con que cuentan los seres

humanos, dado que permite la comprensión del mundo que nos rodea de manera tal que las acciones humanas se entrelazan de acuerdo a su efecto en la consecución de metas y deseos. En otras palabras, si por un lado parece no haber comprensión del tiempo humano fuera de su inserción en un marco narrativo, por otro lado la narrativa sería la única forma cognoscitiva con que contamos para entender la causalidad en relación a las acciones de los agentes sociales.(VILA.2002)

Percebemos que as narrativas estabelecem conexões com diferentes instâncias produtoras de sentido. A professora Brasília Carlos Ferreira, no artigo *Memória, tempo, narrativas*, publicado na revista *Política e Trabalho*, aqui consultado em seu formato *online*, percorre um caminho em que a correlação entre as narrativas e a memória é intensa.

A etimologia da memória expressa tanto o fato da recordação, lembranças, reminiscências, como o ato de narrar, referir, relatar. A memória é a memória e seu avesso. Ela não é apenas a lembrança, uma faculdade psíquica, ela é a um só tempo, a lembrança e seu relato. A narrativa do que é memorado.(FERREIRA. 2001)

Esta relação entre narrativa e memória é de extrema importância, segundo a autora, na preservação do vivido. O vivido narrado é a troca de experiências, é a ação em que o narrador se serve de múltiplas vivências para constituir sua narração. Esta narração desdobra-se, então, sobre o tempo e a experiência, faz coser os pontos das redes da tradição, faz emergir a vivência comum e "em comum" dos sujeitos. Ferreira remonta a Benjamin para destacar a importância da função do narrador como aquele que promove o intercâmbio de experiências.

Benjamin denuncia o desaparecimento de narradores e de narrativas no mundo contemporâneo e teme que a arte de narrar esteja em via de extinção. Para ele a ausência de narradores é consequência da dificuldade de intercambiar experiências. A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas às experiências de seus ouvintes. A figura do narrador remonta à Antigüidade Clássica, está fundada nas narrativas épicas que sobreviveram ao turbilhão da modernidade e permanecem em nossos dias. Benjamin considera a memória a mais épica de todas as faculdades. (FERREIRA.2001)

Os estudos acerca das narrativas, da memória, da experiência e da produção das identidades sociais, dentre outros que têm sido objeto das ciências humanas e sociais,



encontram um campo profícuo nas pesquisas acadêmicas. Ao referir-se aos procedimentos metodológicos como as entrevistas, Ferreira destaca que as narrativas colhidas nas pesquisas acadêmicas são uma forma de preservação da memória, de reunião das reminiscências evocadas por Benjamin, de apreensão da experiência e do vivido. A autora aponta que diversos estudos e pesquisas buscam cada vez mais a realização de entrevistas e coleta de depoimentos de personagens que tenham um envolvimento direto com episódios, fatos, tempos e acontecimentos que se pretende analisar.

Ao fazê-lo recupera-se importantes atores sociais que ao saírem de cena, levam consigo para a vida privada, fragmentos de história que permanecem ocultos no âmbito de suas existências individuais. Esses depoimentos acabam por constituí-los em narradores modernos, os guardiães dos tesouros de seu tempo.

Os depoimentos nos oferecem a percepção de um tempo múltiplo, que parece operar em superposição, diferenciando-se substantivamente dos marcos gerais registrados na história oficial. E esses marcos são tão plenos de significados, para os que os compartilham, que chegam a constituir uma outra história, na qual as diferenças sociais adquirem tal força de expressão que geram a instauração de signos apenas perceptíveis para os que integram aquele grupo social.

É como se em um mesmo espaço convivessem pessoas falando línguas diversas. (FERREIRA.2001)

As narrativas que nós perseguimos nestas pesquisas são resultados de uma mudança permanente. Potências que não se deixam enclausurar por uma única forma de expressão, que são atravessadas pelos fluxos do cotidiano. Estes fluxos, por sua vez, produzem sempre linhas de fuga, que serão cortadas por linhas segmentares e outros fluxos, garantindo, assim, a riqueza da trama do tecido social. Nos termos de Pablo Vila:

Así, la producción social de la subjetividad siempre está inmersa en procesos simbólicos de significación. Si esto es así, la subjetividad siempre está en proceso de ser formada, deformada y reformada a través del intercambio semiótico de signos, más específicamente, a través de un particular tipo de discurso: la narrativa. Por lo tanto, nosotros creemos que la identidad social no es un "estado esencial interno", ni tampoco el producto de poderosos discursos externos a la Althusser, sino que es el producto de la compleja interacción de narrativas acerca de nosotros mismos y los "otros" desarrolladas en relación a las múltiples interrelaciones que establecemos a través del tiempo. Al momento de dar

cuenta de este sistema de interrelaciones la música ocuparía un lugar privilegiado, al ser un tipo de artefacto cultural que provee a la gente de diferentes elementos que ellos utilizarían, al interior de tramas argumentales, en la construcción de sus identidades sociales. (VILA.2002)

Mesmo que a primeira vista as comunidades constituídas no ciberespaço, ou que dele se servem como instrumento narrativo, pareçam desterritorializadas por definição, estudos e pesquisas recentes e freqüentes demonstram que há um forte laço social que cimenta (nos termos de Michel Maffesoli) estas relações gregárias. Aos pesquisar as comunidades virtuais GLS¹, Gisele Marchiori Nussbaumer ressalta o laço de afinidades e interesses que estabelece os contornos destas comunidades. Nussbaumer encontra na autora Sherry Turkle alguns princípios na definição de comunidades virtuais que nos é fundamental. Os vínculos estabelecidos nas comunidades virtuais não podem ser transitórios como os de um *chat*, por exemplo, relembra a pesquisadora.

A autora sustenta que uma das chaves do comunitário é a permanência, o partilhar de uma história, uma memória. Nesse sentido, a continuidade seria a responsável pelo estabelecimento de uma cultura on-line, que surge do cruzamento de experiências virtuais com o resto da vida...

Os internautas seriam autores não apenas de textos, mas também de si próprios, e as identidades virtuais seriam construídas, concomitantemente, através da interação social e da interação com a máquina. Conforme a autora, os computadores não se limitam mais a fazer coisas por nós, eles nos influenciam, modificam nossa forma de pensar acerca de nós mesmo e dos outros. (NUSSBAUMER. 2002:64-65)

Rosangela Marçolla, que pesquisou a apropriação de contadores de história pela internet, aponta que sempre nos agrupamos como uma forma cooperativa à natureza para garantia de nossa sobrevivência, tendo como liga deste agrupamento a comunicação. Apesar de Marçolla pesquisar as histórias da cultural *folk* e nós de um *site* de informação comunitária, uma das definições encontradas pela pesquisadora contempla, ao nosso ver, o nosso trabalho.

Comunicamo-nos principalmente para contar histórias. Estas histórias refletem e reformam as imagens de nós mesmos e os nossos valores comunitários. Durante a maior parte da história humana, esses conceitos foram passados por contadores a pequenos grupos de ouvintes, reunidos na praça de uma aldeia ou junto à lareira. Somente nos últimos 500 anos

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



é que o contador de histórias começou a ser substituído por um recurso produzido à máquina - o livro impresso. Agora, estamos na era das comunicações por imagens - primeiro a fotografia, depois o cinema e a televisão, e agora a computação multimídia. (The New Storytellers apud DIZARD, 2000:275. Apud Marçolla, 2002:45)

Viva Favela: o outro narrado

De acordo com dados do Unicef, nos últimos 30 anos o número de pobres e miseráveis cresceu mais de 38% na América Latina. Com a aceleração dos processos de globalização e a progressiva consolidação da sociedade da informação um novo hiato social se anuncia: a extensa vala que se abre entre os info-incluídos e aqueles que estão fora da revolução informacional. Os novos/velhos excluídos são depauperados tanto em relação ao capital-dinheiro (na sua forma tradicional) quanto ao capital-informação (na sua forma contemporânea).

A economia da informação, e seus aspectos tecnológicos, tem deixado de lado um grande contingente social. Questões como as novas exigências do capital e a nova formação dos trabalhadores; a pouca ou nenhuma possibilidade de acesso ao "info-mar" da *internet* que boa parte da população enfrenta; a alfabetização digital necessária não apenas para uma relação instrumental com as redes, mas também para garantir condições de intervenção a grandes grupos que estão a margem da dita sociedade da informação; são alguns dos desafios a serem enfrentados pela sociedade contemporânea.

Neste sentido, a criação de centros públicos destinados ao acesso qualificado as redes telemáticas é de fundamental importância para os países do terceiro mundo. Mais que dificuldades de acesso aos equipamentos, muitos grupos da população brasileira, por exemplo, ainda não têm acesso a luz elétrica. Isto sem falar no número de analfabetos formais. É preciso democratizar o acesso a *internet* não apenas alfabetizando digitalmente os indivíduos e sim através de um processo de letramento digital. O letramento digital, em nossa concepção, articula os elementos necessários para uma inserção das comunidades carentes na cibercultura. Letrar digitalmente é dar as condições necessárias para que os grupos encontrem e produzam com instrumentos informáticos e tecnológicos a dimensão relacional da comunicação, tal como historicamente já o fazem em outras circunstâncias.



Algumas iniciativas de organizações não governamentais têm tido uma boa repercussão nos processos de acesso qualificado as tecnologias informático-comunicacionais. Duas delas se destacam: CDI – Comitê de Democratização da Informática e o Viva Rio. O CDI procura levar cursos de informática para favelas e bairros pobres, unindo a incitativa de voluntários e doações de equipamento de informática das empresas. Hoje conta com 140 escolas de informática e cidadania em 14 estados. O Viva Rio lançou o portal www.vivafavela.com.br, o primeiro portal Brasileiro a tratar exclusivamente dos assuntos de interesse da população de baixa renda. A ONG também vem se empenhando em abrir telecentros, as estações do futuro, em diversas favelas do Rio de Janeiro.

O projeto Viva Favela é uma ação significativa no combate a exclusão digital¹, tanto no que se refere a produção de informações quanto na acessibilidade. A possibilidade de acesso destes públicos ao desenvolvimento econômico não deve ser o único fim dos processos de info-inclusão. O acesso deve relacionar-se com a possibilidade de melhorias em educação, saúde, participação democrática e produção de informação cidadã para os excluídos. Atualmente, os espaços locais são atravessado pelos fluxos globais. A vida na chamada sociedade da informação requer uma dinâmica de compartilhamento de sentidos, de trocas de experiências, de hibridações em uma escala nunca vista. Segundo informações coletadas no próprio portal, o Viva Favela pode ser definido como:

O portal Viva Favela é uma iniciativa do Viva Rio para oferecer, através da internet, serviços, informações, divertimento e oportunidades de comércio para as comunidades de baixa renda. Como uma ponte virtual entre o asfalto e a favela, o portal oferecerá também outros serviços típicos da internet com e-mail gratuito, salas de bate-papo e informações em tempo real. O portal funciona ainda como um gerador de informações sobre o meio comunitário, pouco conhecido e pouco explorado pela mídia, para os veículos de comunicação, os formadores de opinião e a população em geral. Uma das principais atrações do portal será a revista Comunidade Viva, uma revista eletrônica de variedades, produzida através de uma rede de correspondentes, baseados nas próprias comunidades, e também de contribuições espontâneas dos moradores.

O Viva Favela conta com sessões como empregos, serviços, matérias especiais, revista, classificados, educação, esportes, além de colunistas que abordam temas diversos ligados a comunidade. Toda as informações do portal, na verdade, têm uma ligação direta com os interesses das comunidades envolvidas. O temário, a abordagem, as imagens, os

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



quadrinhos são produzidos a partir daquilo que a grande mídia não pauta: a vida cotidiana dos sujeitos que estão fora do asfalto. O Viva Favela tem uma estrutura considerável para o seu funcionamento, com editorias, correspondentes, repórteres, produção das comunidades envolvidas. Formalmente, a equipe encontra-se organizada da seguinte forma¹:

- Diretor
- Editora Executiva e Coordenadora do Projeto
- Coordenador de Tecnologia
- Assessor de Tecnologia
- Editora de Fotografia
- Redação
- Sub-editora
- Redatora
- Reportagem
- Subeditora de fotografia
- Pesquisa
- Estagiário
- Correspondentes comunitários que cobrem as seguintes áreas: Zona Oeste, Complexo do Alemão, Parque Ambiental de Ramos, Complexo da Maré, Duque de Caxias, Baixada Fluminense, Cidade de Deus, Rocinha, Morro do Tuiuti, Queimados, Baixada Fluminense, [Mangueira](#), Cantagalo e Pavão-Pavãozinho.
- Fotos.

As pesquisas documentais efetuadas em artigos, matérias, *sites* e opiniões sobre o tema nos levam a acreditar que a inclusão na sociedade da informação não deve ser uma fórmula pronta e acaba. As particularidades de cada comunidade devem ser respeitadas, os traços cotidianos e identitários de cada grupo deverão ser levados em conta para que se evite um movimento homogeneizante sobre as particularidades dos envolvidos. Remonto aqui a um fragmento de um artigo que publicamos, nós professores pesquisadores do GRIS, conjuntamente na Revista Geraes:

As igualdades e diferenças não são fixas nem homogêneas - pertencimentos e exclusões se fazem e desfazem nas diferentes esferas da sociedade; a identidade se constrói nesse jogo de posicionamentos. Mas

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

nem tudo é tão móvel; o movimento que agrega e desagrega ao sabor de interesses, atrações e afinidades múltiplas é atravessado e enrijecido por uma outra dinâmica, mais estrutural, mais fixa, que diz respeito ao acesso e apropriação diferenciados de bens (materiais e simbólicos) e direitos na sociedade. A construção da identidade estabelece os traços identificatórios necessários, o patamar da igualdade desejável, assim como, entre os cidadãos, os mais e os menos iguais, o “nós” e o “outro”. E é também no cotidiano, na vivência e convivência cotidiana que as apropriações e desapropriações, as identidades e diferenças são vividas e recriadas, de forma mais ou menos tensa em função das trocas possíveis, da capacidade e poder de negociação e intervenção dos diferentes grupos de interesse e pertencimento. Nos momentos mais tensos essa convivência dos desiguais é marcada pela violência, pela ruptura (também mais ou menos drástica em função das muitas variáveis contextuais). (FRANÇA et al.2001:08)

Os movimentos homogeneizantes tendem ao controle tanto dos processos narrativos, e suas relações com a formação das identidades, quanto dos modos de subjetivação. A dinâmica da vida cotidiana é força motriz nos processos de resistência e de modificação dos sujeitos comum. O portal Viva Favela, ao fazer a opção por narrativas cotidianas das comunidades das vilas e favelas, desenvolve um papel de mediador aos modos da dimensão relacional da comunicação. O aparato técnico é mais que o canal, o meio, ele influencia a vida das pessoas. As narrativas ali apresentadas, com suas nuances, particularidades, dão materialidade simbólica aos outros, inscreve os sujeitos, mais uma vez, em seus territórios existenciais e físicos. Novamente remontando a Pablo Vila:

A modo de conclusión podríamos decir que si por un lado el proceso de construcción identitaria es múltiple y complejo, por otro lado los mecanismos de tal construcción son más o menos constantes. La identidad social es una relación, que siempre necesita de la presencia real o simbólica de "otros" para actualizarse. En este sentido, paradójicamente, la identidad es siempre lo que "difiere", es decir, aquellas marcas simbólicas que una persona o grupo social construyen para delinear sus diferencias respecto de los "otros". Pero la identidad también es aquello que "difiere" aún en otro sentido, ya que siendo el producto de una relación, y dado que la gente establece un sinúmero de relaciones diferentes, la identidad nunca es singular sino que es múltiple. Siempre existe una larga variedad de posiciones de sujeto que la gente puede ocupar en sus vidas, y tal multiplicidad produce un yo que no es experimentado como único y completo, sino como múltiple, parcial e incompleto, formado a través de las relaciones específicas e históricas que los vínculos sociales crean a través del tiempo. (VILA.2002)



Referências

- BARCELLOS, Jorge Alberto Soares. Territórios do cotidianos: introdução a uma abordagem teórica contemporânea. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues, MESQUITA, Zilá (orgs). *Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências*. Porto Alegre, RS: Editora UNISC, 1995. pp 40 – 47
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHAUÍ, Marilena. *Leibniz*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.
- DELEUZE, G. e PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- FERREIRA. Memória, tempo, narrativas. www.prpg.ufpb.br. 12/11/2001.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose Um novo Paradigma Estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. São Paulo: Papyrus, 1993.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. pp 103-133.
- _____. *A indentidade cultural na pós-modernidade*. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002
- LEVY, Pierre. A emergência do ciberespaço e as mutações culturais. [online]. Disponibilidade e acesso: <<http://exclusão.hpg.ig.com.br/texto%20-%20levy%2001.htm>>. ISBN.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- _____. *No fundo as aparências*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- MARÇOLLA, Rosângela. *Os contadores e suas histórias na internet*. Idade Mídia. Revista da Faculdade de Comunicação Social FIAM-FAAM Centro Universitário. São Paulo:2002.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. *Identidade tecnológica e alteridade cultural*. IN. *Novas tecnologias de comunicação: impactos políticos, culturais e sócio-econômicos*. FADUL, Ana Maria(Org) São Paulo: Summus,1986



- _____. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2ed. Rio de Janeiro: UFRJ. 2001
- NUSSBAUMER, Gisele Marchiori. *As comunidades virtuais das listas de discussão e-jovens e listasgls*. Comunicação Midiática. Revista da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria. RS: 2002.
- PELBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio: políticas de subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder [et al] (org). *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SCHWARTZ, Gilson. Exclusão digital entra na agenda econômica mundial. [online]. Disponibilidade e acesso: <<http://exclusão.hpg.com.br>>. ISBN.
- SILVEIRA, Sérgio A. *Exclusão digital: a miséria na era da informação*. 1.ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- THEMUDO, Thiago Seixas. "Por uma sociologia do intensivo" IN LINS, Daniel (org.). Nietzsche e Deleuze: intensidade e paixão. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- TROYO, Marcos P. O Brasil e as ações para se diminuir a exclusão digital. [online] Disponibilidade e acesso: <<http://VUYF>
- VIEIRA, Eduardo E. G. Alfabetização digital. [online] Disponibilidade e acesso: <<http://www.ensp.nocruz.br/sde/cnpping/alfabetizacao.html>>. ISBN
www.vivafavela.com.br
- VILA, Pablo. Identidades narrativas y musica: una primera propuesta teorica para entender sus relaciones. www.sibetrans.com/trans/trans2/vila.htm. 17/07/2002.